

NÍSIA FLORESTA: A EDUCAÇÃO EM PROL DA IGUALDADE ENTRE OS GÊNEROS

Wanderléia Farias SANTOS*
Universidade Estadual da Paraíba

INTRODUÇÃO

As sociedades ao longo de sua história nunca deram uma relevância à mulher. A ela sempre coube o papel apenas de senhora do lar, não sendo permitida a sua atuação fora deste local e também devendo total subserviência à seu marido. Isto se justifica, segundo Bozon (2004), porque nas sociedades o homem sempre foi associado à boa ordem, enquanto a mulher sempre foi associada à má ordem. E este pensamento e prática de valorização do masculino em detrimento do feminino não é característica de sociedades isoladas, já que estudos como o de Bourdieu (2003) comprovam que o homem sempre foi considerado superior à mulher em todos os lugares do planeta.

No Brasil também não foi diferente. A sociedade brasileira do século XIX foi marcada pelas injustiças sociais, pela opressão do império, pelo escravagismo e principalmente pelas desigualdades entre homens e mulheres. A forma cruel de colonização do território brasileiro refletiu ainda por muito tempo e o império continuou a explorar e oprimir o índio, assim como também continuou a massacrar através da escravidão uma outra classe: os negros. No século XIX as mulheres não tinham os mesmos direitos dos homens, a educação feminina deixava muito a desejar, todas as funções públicas era de acesso apenas ao gênero masculino e ao feminino eram reservadas apenas as atividades domésticas. Aos homens era permitido seguirem uma carreira com disciplinas que incluíam conhecimentos científicos e históricos da época, às mulheres era permitido apenas o conhecimento básico de português e matemática, assim elas não participam da vida ativa da sociedade, pois esta era totalmente patriarcal. Diziam que aqueles que pertenciam ao gênero feminino existiam apenas para cuidar do lar e dos filhos, portanto o que era útil que elas aprendessem era as atividades voltadas aos afazeres domésticos.

Tal condição em que a mulher foi colocada é apenas uma consequência das representações simbólicas presentes no imaginário. Segundo Durand (2002), há no imaginário um medo do feminino e de seu “poder” que leva os homens a construírem situações de opressão que não permitem a independência do gênero oposto. Tratando da repartição dos

* Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Trabalho desenvolvido sob orientação do professor doutor Sebastián Sánchez.

substantivos em gêneros, Durand (2002:105) esclarece:

podemos verificar com os lingüistas que a repartição dos substantivos em gênero animado e inanimado, tal como existe em certas línguas primitivas, é substituída em outras línguas por um outra repartição em gênero ândrivo e em gênero metândrivo. Este último compreende as coisas inanimadas, os animais dos dois sexos e as mulheres. A feminilidade está, portanto, lingüisticamente [...], relegada ao nível da animalidade, é semanticamente conatural ao animal.

Com o exemplo dado pelo autor, podemos verificar como a opressão ao feminino vai além da crueldade, perpassando todas as práticas sociais e revelando a existência do medo e do reconhecimento de um certo “poder oculto” da mulher e seu mistério. Afinal, como afirmou o psicanalista Lacan (1985), a mulher é portadora de uma falta fundamental, que a leva para além da representação e não permite que ela nunca seja igual ao homem: limitado.

Alguns pensadores, como Stuart Mill (2006), ousaram erguer-se em favor da mulher, denunciando a injustiça causada ao gênero feminino quando as feministas ainda não existiam. No Brasil surge NÍSIA FLORESTA, que via na igualdade de educação para ambos os sexos a possibilidade de uma sociedade igualitária e justa.

SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX

Durante o final do século XVIII e início do século XIX, o mundo passa por grandes mudanças ocasionadas principalmente pelas Revoluções Francesas e Industrial. Há um grande crescimento na vida urbana e aumento nas disputas por novos mercados pelas nações européias. Diante das circunstâncias a corte portuguesa se vê obrigada a “fugir” para o Brasil, tendo assim um Estado semelhante ao Estado português. O Rio de Janeiro se torna a capital e o pólo intelectual do país. Começam a ser tomadas medidas para a educação do país, mas todas voltadas para o interesse e objetivos da elite.

A educação do século XIX, principalmente a educação da mulher, deixava muito a desejar. Só os homens podiam usufruir de uma educação mais ampla que lhe proporcionasse o desenvolvimento de uma carreira, enquanto as mulheres se restringiam apenas ao estudo das primeiras letras e as atividades e afazeres domésticos, não cabendo a ela o direito de participar das decisões da sociedade.

Era um cenário de grandes desigualdades, uma sociedade exclusivamente patriarcal. O que se dizia na época era que o incentivo ao estudo da mulher poderia gerar traição e

correspondências amorosas, que era prejudicial e não útil. Usava-se a desculpa de que a mulher era frágil, delicada e por isso não poderia esforçar-se físico e intelectualmente, isso cabia só aos homens.

Nos últimos anos do século XIX já havia a grande urgência de abrir mão desses preconceitos e dar oportunidade de uma educação igualitária para todos. Diante de tanta dominação, poucos ousaram erguer-se em favor do gênero oprimido. Nísia surge como precursora dos ideais feministas no Brasil e defensora de uma educação igualitária entre homens e mulheres.

A AUTORA: VIDA E OBRA

Natural do Rio Grande do Norte, da cidade de Papari, nasceu em 12 de outubro de 1810, recebendo o nome de Dionísia Gonçalves Pinto – filha do português Dionísio Gonçalves Pinto e da brasileira Antônia Clara Freire – que mais tarde adotaria o pseudônimo pela qual ficou conhecida, em que homenageia o sítio no qual nasceu (Floresta), a sua pátria e o seu segundo marido. Casou-se aos treze anos, porém o seu casamento não deu certo e ela logo se separou. Enfrentando todo o preconceito da sociedade da época contra a mulher separada, volta a residir com seus pais. Em 1828 Nísia conheceu Manuel Augusto, estudante de Direito e que viria a ser o seu segundo marido. É com ele que Nísia teve dois filhos (Lívia Augusta de Faria Rocha e Augusto Américo de Faria Rocha). O destino, porém, separou Nísia de Manuel Augusto, vindo este a falecer prematuramente aos vinte e cinco anos de idade. Viúva, com dois filhos, ela passou a residir no Rio Grande do Sul em meio à Revolução Farroupilha, o que a fez mudar-se logo para o Rio de Janeiro.

Instruída em línguas e apta para o ensino, passou a exercer sua função no magistério e fundou um colégio que veio a tornar-se o mais popular e procurado da época. Lá a educadora colocou em prática seus ideais, pelos quais tanto lutava (idéias feministas, indianistas, abolicionistas e nacionalistas).

No ano de 1849, fez sua primeira viagem à Europa, e durante esse período obteve contatos com alguns dos intelectuais mais importantes da sua época; a exemplo de Alexandre Dumas, Victor Hugo e Augusto Comte.

Em 24 de abril de 1885, aos 75 anos vítima de pneumonia, morre Nísia Floresta, em Bonsecours, arredores de Rouen, na França. Décadas depois, seus restos mortais foram transferido para a cidade de Nísia Floresta, antiga Papari, Rio Grande do Norte, onde foi construído um mausoléu em memória da escritora.

Nísia Floresta escreveu quinze livros. Sua obra conquistou grande prestígio no Brasil e em diversos países da Europa. Sendo ela reconhecida como uma das grandes escritoras brasileiras do século XIX. Eis algumas delas: *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, nessa obra Nísia contesta a situação em que viviam as mulheres de seu tempo, submissas aos homens e com um nível de educação muito inferior ao dos mesmos; *A lágrima de um Caeté*, na qual Nísia Floresta relata a opressão do império aos nacionalistas e o sofrimento vivido pelo índio após a colonização portuguesa; *Opúsculo Humanitário*, é nesta obra que Nísia dá o seu grito de urgência e necessidade de igualdade educacional entre ambos os sexos; *Páginas de uma vida obscura*, relata a forma cruel de tratamento ao negro na época da escravidão.

PENSAMENTO DE NÍSIA ACERCA DA EDUCAÇÃO

*Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado
- emancipação da mulher -, nossa débil voz se levanta
Na capital do império de Santa Cruz, clamando:
EDUCAI AS MULHERES!
(Nísia Floresta)*

O que dizer dos ideais ilustres pelo qual lutava e tanto defendia Nísia Floresta? Mulher ousada, corajosa, capaz de enfrentar toda a sociedade em busca da consolidação de suas idéias. Hoje, porém, sabemos quão árdua foi a luta desta educadora, que se atreveu tomar posição a favor da mulher cuja sociedade desprezava tanto e tinha como mera reprodutora e dona do lar.

Nísia defendia a educação igualitária para ambos os sexos. Acreditava que através da escola e educação a mulher se tornaria independente, sempre defendendo que a educação não tinha sexo. No entanto, na época, usavam as desculpas de que as mulheres eram muito frágeis, não podiam esforçar-se intelectualmente, que ao aprenderem a ler estavam criando formas e meios de entretenimento e correspondências amorosas. Assim, cabiam-lhes apenas os afazeres domésticos.

A educadora lamentava pelo País, pois este nada fazia para acelerar o progresso da educação e muito menos da educação da mulher. Critica fortemente o governo, por este desde os tempos coloniais, visar apenas seus interesses econômicos na busca pelo ouro, mandando para o Brasil homens sanguinários e rudes, que não tinham as mínimas condições de prover algum tipo de educação para os jovens da época.

Assim, nenhum recurso podia o Brasil oferecer à mulher que desejasse cultivar a sua inteligência. E o único estudo que recebiam algumas meninas, nas casas intituladas escolas,

eram errados manuscritos e a cartilha do Padre Inácio, aliás, eram tão mal dirigidas que antes acostumava do que enobrecia.

Nísia lamenta o descaso com a educação brasileira e diz:

o coração se nos contrai no peito ao contemplarmos o nosso Brasil tão rico, tão grandiosamente excedendo a todas as nações do mundo em recursos naturais, precisando lutar, ainda no século XIX, com grande dificuldades para oferecer às suas mulheres uma tênue parte da instrução que as classes mais baixas daqueles países da Europa e dos EUA podem facilmente obter (FLORESTA, 1989:91).

A autora destaca que as escolas de ensino primário tinham muito mais aspectos de casas penitenciárias do que casas de educação. Reprime o método da palmatória e da vara que eram adotadas para o desenvolvimento da inteligência. Critica o ensino ao ser passado por severos jesuítas ou por mestres charlatões, cujo mérito consistia em saber soletrar alguns clássicos portugueses.

Nísia Floresta reconhece que poucos são aqueles no Brasil que merecem consideração pelo seu magistério, pois muitos se achavam no direito de serem intitulados diretores de colégio, só porque aprendiam a ler e escrever e tinham meios para montar uma casa de educação. Reprime os métodos de ensino dos professores e mestres da época, pois há confusão dos métodos e as professoras em grande parte, sem as necessárias habilitações, quase sempre discordam.

Sente muito o atraso na educação, pois muitos confundiam instrução com educação, licença com civilização. Critica aqueles que viam no magistério apenas um ganho e diz que ensinar é um dever nobre. E era isso que Nísia fazia, acelerava o progresso de suas alunas por prazer e não só por interesses econômicos.

Nísia defendia que nenhuma diretora substituiria o que só uma mãe poderia fazer por sua filha, desde que esta fosse uma mãe bem educada e instruída. Mas, enquanto estas não atingiam esse grau de instrução e educação, era necessário recorrer aos colégios onde existiam diretoras zelosas e aptas para o ensino.

Defendia a educação religiosa como base para a educação da mulher. Porém, não aquela educação religiosa da época, que deixava muito a desejar, na qual a mulher era vista como fruto do pecado, mas a educação religiosa de ética e moral, em que a mulher teria consciência dos seus princípios e da sua dignidade. Assim, ela executaria melhor o seu dever de filha, esposa, mãe, e saberia sair com dignidade de qualquer situação que a vida a colocasse.

Apesar das circunstâncias da época em relação à mulher, a autora tinha a esperança que o país iria prosperar quanto à educação da mulher. E nas futuras gerações ela assumiria a posição que lhe compete na sociedade. Como Nísia teve contato com Augusto Comte, ela também defendia o lema positivista de ordem e progresso e termina o seu livro “Opúsculo Humanitário” com um brado, no qual ela diz:

Eia! Se, com mais rico solo do que o dos Estados Unidos, faltou-vos a mola principal – a educação – para a par deles marchardes, preparai-vos ao menos a satisfazer dignamente a parte essencial da grande missão que vos fora destinada
Educai, para isso, a mulher e com ela marchai avante, na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos à mais remota posteridade! (FLORESTA, 1989:160).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Coragem seria o suficiente para definir Nísia e sua atitude? Certamente não, pois a atitude de Nísia vai muito além da simples coragem. A educadora não foi apenas uma mulher corajosa que lutou pela independência da mulher, como também o fizeram inúmeras mulheres anos após ela. Ela, além de pedir a independência da mulher, colocava a educação como o meio pelo qual esta independência seria atingida.

Sabemos das eventuais falhas no pensamento da autora, como em querer indicar para a mulher uma postura “moral” que veio a ser questionada mais tarde pelas feministas, no entanto, devemos reconhecer e aplaudi-la. Pois no Brasil ela foi a primeira a perceber e alertar sobre a situação de opressão por qual passava a mulher de seu tempo, assim como também foi a primeira a trabalhar no sentido de diminuir esta opressão e de levar até as mulheres o direito de acesso ao conhecimento. Acreditando que ao educar as mulheres estaria caminhando rumo ao progresso.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Monalisa Porto. A coragem de ser. **Correio Braziliense**, Brasília, 9. 2006. Suplemento especial Nísia Floresta: uma brasileira à frente do seu tempo. p. 10.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3. ed. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de

Janeiro: FGV, 2004.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez, 1989.

Lacan, Jacques. **O seminário, livro 20**: mais, ainda. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MILL, Stuart. *A sujeição das mulheres*. São Paulo: Escala, 2006.